

O ESPAÇO URBANO E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL*

¹Luís Gabriel Antão Barboza, ²Carlos Alberto Mucelin

RESUMO: Este artigo apresenta considerações a respeito do espaço urbano e questões inerentes à percepção ambiental, a extensão universitária e ao sistema de mapeamento utilizando a metodologia desenvolvida pelo *Green Map System*. Conhecer e valorizar o espaço em que se vive é a base para uma relação mais sustentável com a natureza, e conseqüentemente melhor qualidade de vida. A percepção ambiental é um importante campo de estudo para melhor entender as interrelações entre o homem e o seu meio. A extensão, como função da universidade, é uma prática humana, com suas conseqüentes responsabilidades para com o meio social.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço urbano; Percepção; Extensão universitária.

THE URBAN SPACE AND THE ENVIRONMENTAL PERCEPTION

SUMMARY: This article presents considerations of urban and issues inherent in environmental perception, the university extension and the mapping system using a methodology developed by Green Map System. Know and appreciate the space in which we live is the basis for a more sustainable relationship with nature, and therefore better quality of life. The environmental perception is an important field of study to better understand the interrelationships between man and his environment. The extension, as a function of the university, is a human practice, with its attendant responsibilities towards the social environment.

KEYWORDS: Urban space; Perception; University extension.

INTRODUÇÃO

A maior parte da população humana vive no espaço urbano. Pode-se questionar o que é a cidade e como o ser humano a percebe. A cidade é resultado do esforço e da produção cultural dos povos. Pensar a cidade também é pensar a construção humana, uma intervenção ou arte temporal e espacial delimitada, que necessariamente implica no ambiente não urbano ou rural. A leitura perceptiva do ambiente somente pode ser levada a efeito através de signos engendrados na mente, pela percepção e legibilidade ambiental (MUCELIN e BELLINI, 2007).

A percepção humana apresenta determinadas características: é o conhecimento sensorial de totalidades e que são dotadas de sentido; é uma vivência corporal; externaliza a relação do sujeito com o exterior; envolve a história pessoal do indivíduo; é uma conduta vital, uma comunicação; é uma interpretação de coisas e objetos que nos rodeiam; envolve valores sociais; nossa vida social. Assim, os significados e os valores das coisas percebidas decorrem de nossa sociedade e do modo como nela as coisas e as pessoas recebem sentido, valor ou função (EGLER e SILVA, 2002).

Muitas vezes, as cidades são originariamente projetadas. Entretanto, com o crescimento e a modernização da vida na cidade, dada pelo natural processo de metropolização, ela se reconfigura e requer ser ressignificada. Nesse processo, sofre

*Trabalho Inédito

Graduando do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental – UTFPR. E-mail: gabrielbarboza@gmail.com

² Professor Dr. da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. E-mail: mucelin@utfpr.edu.br

[Digite uma citação do documento ou o resumo de uma questão interessante. Você pode posicionar a caixa de texto em qualquer lugar do documento. Use a guia Ferramentas de Caixa de

conseqüências, concretizadas nos impactos ambientais ou mudanças drásticas nos seus espaços. Decorrem aí, segundo Guizzi (2002), espaços residuais que degradam a visibilidade e desafiam projetos e intervenções. Os espaços construídos pelo homem afetam seus habitantes, aperfeiçoam a sensação e a percepção humana, definem as funções e as relações sociais e “ensinam” através de seus volumes e símbolos (TUAN, 1980).

A percepção do meio ambiente urbano tem sido colocada como elemento vital para a sobrevivência urbana. A problemática ambiental atual é resultado de uma época em que a renovação das cidades é intensa, profunda e acentuada, justificando uma preocupação com seus aspectos visuais. Interpretando as interfaces existentes as mais diversas áreas do conhecimento que têm por objeto principal de estudo as relações entre o homem e o ambiente, pode perfeitamente ser justificada uma atuação conjunta no espaço da cidade em projetos interdisciplinares tendo como foco comum a vivência e a percepção do espaço (EPPC, 2006).

Segundo Hirano *et al.* (2006) o Sistema de Mapas Verdes (*Green Map System* ou *GMS*), é uma estratégia globalmente delineada que pode ser considerada como um instrumento de mobilização e negociação para grupos e comunidades. Pode ser utilizado para mostrar a imagem, a funcionalidade, a estrutura, a necessidade, as dificuldades e problemas que os mapeadores percebem em diferentes lugares. Pode proporcionar aos atores sociais um envolvimento mais íntimo dentro da comunidade e desta com o espaço. Através do fortalecimento destes laços, o aumento da participação pode tornar-se o detonador de um processo de movimentação que pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas e de seu bem estar.

Para os estudos de percepção e representação do espaço, esta forma de mapeamento pode revelar o envolvimento das pessoas com os lugares e paisagens, constituindo-se assim numa forma de investigação de tais relacionamentos em diferentes escalas e contextos (HIRANO *et al.*, 2006).

Segundo Kashiwagi (2004) o espaço urbano pode ser abordado e apreendido por diferentes enfoques seja numa leitura baseada nos princípios de *designer* urbano, ou enfocada sob os princípios da geografia humanística e da percepção, valorizando as relações do homem com o meio ambiente, ou ainda, onde o espaço urbano é uma certa modalidade arquitetônica. Para a autora, novos olhares criam e recriam novas paisagens, invisíveis aos nossos olhos, mas que são reveladas através das experiências e vivências dos moradores.

A extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade (FORUM, 1999).

Neste artigo apresentamos considerações a respeito do espaço urbano, e questões inerentes à percepção ambiental e a adoção da metodologia do *Green Map System* para ser desenvolvida como prática de um projeto de Extensão Universitária.

O ESPAÇO URBANO E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Hoje, a maioria da população humana é urbana. Como os atores sociais urbanos percebem o ambiente onde vivem? Quais são e em que condições se apresentam os fragmentos habituais que constituem as cidades? Estas questões não são fáceis de serem respondidas, dada a dinâmica do contexto urbano e a subjetividade perceptiva das pessoas. Como tratamos o ambiente onde vivemos, está associado às nossas crenças e hábitos, construído cultural e socialmente determinando as formas de uso (MUCELIN, 2006).

O fator cultural é um importante aspecto na percepção. Seguindo essa linha, ALVA (1997) ressalta que as metrópoles são culturalmente heterogêneas. Dentro de uma grande cidade, os bairros são a territorialização de subculturas urbanas que possuem características específicas. Para cada uma dessas subculturas, existem leituras diferentes da cidade e, portanto, diferentes percepções da qualidade ambiental.

[Digite uma citação do documento ou o resumo de uma questão interessante. Você pode posicionar a caixa de texto em qualquer lugar do documento. Use a guia Ferramentas de Caixa de

[Digite uma citação do documento ou o resumo de uma questão interessante. Você pode posicionar a caixa de texto em qualquer lugar do documento. Use a guia Ferramentas de Caixa de

Para Ferrara (1993), a imagem perceptiva da cidade está associada ao uso e ao hábito, aspectos estes que se sobrepõem ao projeto urbano em si. Como consequência da configuração de uma imagem habitual, tem-se uma homogeneização que não corrobora com a decodificação do espaço urbano. É neste momento que se faz necessário projetar elementos de predicação e qualificação, que podem ser viabilizados mediante a geração e retenção de informações a respeito da cidade. Esta operação pode ser denominada de percepção ambiental.

A percepção é a captação, seleção e organização das informações ambientais, orientada para a tomada de decisão que torna possível uma ação inteligente dirigida a um fim e que se expressa por ela. A percepção do ambiente permite atuar. Adquire-se ao mesmo tempo em que se atua e modifica-se em função dos resultados da atuação. Ou seja, a percepção do meio ambiente é aprendida e está carregada de afetos que traduzem juízos acerca dele. Estão juntos o cognitivo e o emocional, o interpretativo e o avaliativo (KUHNNEN, 2009). Portanto, a percepção ambiental é aprendida e aparece nos juízos que formamos sobre o meio ambiente e nas intenções modificadoras que empregamos.

A cidade é, para Pesavento (2007), objeto de produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, ela é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e é também expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitat em proximidade propicia.

A paisagem urbana é fruto de obra coletiva produzida pela sociedade e, por isso, contempla todas as dimensões humanas. Nesta idéia a paisagem revela-se cheia de vida, assim como expressa sentimentos contraditórios, paixões e emoções. As marcas do tempo, impressas na paisagem revelam uma construção histórica cheia de arte e lembrança que são facilmente identificadas por aqueles que ali vivem, pois o lugar é o espaço da vida (ALMEIDA e SARTORI, 2008). Para Almeida e Sartori (2008, p. 109), “qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”.

Muitos autores brasileiros têm abordado a questão da percepção ambiental de forma metodológica, possibilitando um aprofundamento cada vez maior dentro desta vertente de pesquisa que pode e deve ser incorporada aos processos de planejamento urbano (SOUZA, 2008). Kevin Lynch e Gordon Cullen foram os pioneiros neste campo de estudo, desenvolvendo metodologias projetuais com base em estudos de percepção ambiental. A qualidade ambiental e a imageabilidade da cidade são atributos valorizados por ambos, com o diferencial de que, Lynch buscava responder a ideais qualitativos enquanto Cullen focava mais as questões sensoriais e topológicas (SOUZA, 2008).

Ao longo da década de 90 uma nova abordagem foi dada ao fenômeno urbano. A cidade deixa de ser considerada só como um *locus* privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, passa a ser vista como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais.

O entendimento do ambiente urbano como um organismo social complexo dotado de “vida” própria, cujo significado é conferido pela circularidade das relações homem-ambiente sugere uma análise multi-centrada e pluralista – o olhar compartilhado. A investigação mais subjetiva do comportamento – não apenas através de métodos de mensuração verificáveis e do olhar técnico e neutro do especialista – visa captar a riqueza e a complexidade de uma organização social, suas representações e corporalidades ao usar como instrumento os usuários e observadores com suas experiências, percepções e expectativas, e resgatar as emoções, sensações e coerências das relações provenientes do ato de observação clínica e de interação com o ambiente observado (ALCANTARA e RHEINGANTZ, 2004).

Segundo Kashiwagi (2004) muitos estudos têm focalizado a relação entre o espaço e o comportamento humano no ambiente, evidenciando os fundamentos cognitivos, afetivos e

simbólicos como importantes indicadores para o lugar. De acordo com Frémont (1976), apud KASHIWAGI (2004) cada lugar significa uma combinação de elementos econômicos, ecológicos, sociológicos e demográficos sobre um espaço reduzido, o lugar é visualizado como uma forma que se integra à paisagem local e regional. O que ele representa deve ser decodificado mais ou menos como uma linguagem, a linguagem dos homens falando com o espaço como meio de expressão.

As teorias que enfocam os estudos de percepção entendem claramente que duas pessoas não vêem a mesma realidade, nem dois grupos sociais fazem a mesma avaliação do meio ambiente (TUAN, 1980). A percepção humana da realidade é individual e seletiva.

O conhecimento das percepções como um campo em descoberta pode determinar sentimentos, idéias, necessidades, expectativas e interpretações da sociedade sobre a sua realidade daqueles conjuntos de fatos e relações que a envolve (EGLER e SILVA, 2002). Logo, a percepção nos permite formar idéias, imagens e compreensões do mundo que nos rodeia.

Para Pesavento (2007) os homens modernos precisam exercer uma espécie de despojamento do olhar, identificando, simplificando e reduzindo a multiplicidade de traços que uma cidade oferece para dizer quem é. Como uma máquina que compõe, repõe e readapta suas funções, ou como um organismo que, num mesmo espaço, carrega consigo e reatualiza relíquias de um outro tempo, a cidade precisa ser descoberta pelo olhar. Tal descoberta personifica atitudes e modos de existir, dos homens e do meio ambiente, transformando-se no tempo e alterando a superfície do seu espaço.

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A METODOLOGIA GREEN MAP SYSTEM

A Extensão Universitária é um processo que se articula com o Ensino e a Pesquisa, formando a base de uma universidade, com via de mão-dupla, em que ocorre a troca de saberes entre a comunidade e a universidade, propiciando, assim, uma maior participação social nesse campo. Além de instrumentalizadora desse processo dialético entre a teoria e a prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (WOSNY *et al.*, 2007).

A universidade pública é um espaço de criação e recriação de conhecimento. Sendo pública, o conhecimento produzido nesta universidade deve ser acima de tudo público, e a extensão, neste âmbito, deve participar do ensino e da pesquisa, transbordando a instituição com pessoas, demandas, reivindicações, anseios e saberes de fora das cercas da universidade, modificando constantemente as concepções de pesquisa e de ensino. Aqui, entende-se a extensão como possibilitadora da função essencial às vezes esquecida da universidade, que é a transformação social que extrapola o espaço universitário, e não como momento de se tomar uma comunidade simples e unilateralmente como laboratório, objeto de estudos ou campo de pesquisas (VANIN, 2005).

Werthein, representante da Unesco no Brasil e um dos relatores do livro “Como trabalhar solidariamente”, afirma que uma universidade mergulhada nas práticas sociais da realidade e no contexto das transformações adquire um novo significado. O saber produzido viabilizará mudanças: a instituição prestará serviços e formará profissionais aptos a lidar com desafios sociais. A inserção da universidade nos problemas comunitários possibilitará o surgimento de novos campos de aprendizagem e de pesquisas inovadoras. A excelência acadêmica será buscada também em problemas concretos enfrentados pelo país, ampliando a relevância pública da instituição.

A ênfase no compromisso social da universidade está centrada no I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão de 1987.

A extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a

[Digite uma citação do documento ou o resumo de uma questão interessante. Você pode posicionar a caixa de texto em qualquer lugar do documento. Use a guia Ferramentas de Caixa de

[Digite uma citação do documento ou o resumo de uma questão interessante. Você pode posicionar a caixa de texto em qualquer lugar do documento. Use a guia Ferramentas de Caixa de

relação transformadora entre universidade e sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados – acadêmico e popular, terá uma conseqüência: a produção de conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; e a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade. Além de instrumentalizadora desse processo dialético de teoria/prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (FÓRUM, 1999).

O *Green Map System* ou GMS foi iniciado pelo *ecodesigner* Wendy Brawer e foi estimulado pela excelente resposta obtida pela publicação, em 1992, pela *Modern World Designer* do Mapa Verde original de Nova York, que realçava os locais de interesse ambiental na cidade. A resposta a este mapa original gerou o conceito de um mundo ligado, localmente adaptável pelo *Green Map System*. Seus elementos e ícones foram desenvolvidos de forma colaborativa a partir de uma série de workshops iniciados em 1995, em Nova York (*Cooper-Hewitt National Designer Museum*) e Kyoto (*Tennendesigner Forum*), e continuaram sendo aprimorados através da internet (HIRANO *et al.* 2006).

Como linha mestra, o GMS utiliza um conjunto de ícones comuns desenvolvidos de forma colaborativa e participativa, permitindo o intercâmbio de informações entre as experiências de mapeamento ao redor do mundo, conectando diferentes realidades. De fácil acesso e identificação, a iconografia também permite a leitura do mapa mesmo por aqueles não familiarizados com o GMS. O Sistema de Mapas Verdes promove a participação inclusiva no desenvolvimento comunitário sustentável em todo o mundo pautado no “Pense Globalmente, Mapeie Localmente”.

A figura a seguir mostra alguns ícones componentes do GMS. Tal iconografia está embasada no tripé modo de vida sustentável – natureza – cultura e sociedade e são subdivididas em 12 categorias (Economia Verde, Tecnologia e Designer, Mobilidade, Riscos e Desafios, Terra e Água, Flora, Fauna, Atividades ao ar livre, Características Culturais, Informação Ambiental, Justiça e Ativismo, Serviços e Marcos Públicos).



Figura 1: Alguns ícones componentes do Sistema Mapa Verde

Fonte: GMS (<<http://www.greenmap.org>>).

O envolvimento da comunidade no projeto de mapeamento supõe que uma concepção dos problemas e possíveis soluções dos locais mapeados sejam elaboradas pelos atores sociais envolvidos. Trata-se de um instrumento de investigação muito útil, que pressupõe indicar locais cujas intervenções dos atores são necessárias; é também uma forma de educação popular e de integração; é um meio de ver e rever a cidade ideal, deselada; e serve também de manual para a administração pública, pois o mapa auxilia a administração a pensar o desenho da cidade, a construir uma melhor infra-estrutura. É o mapa como processo.

Por meio da elaboração de um mapa verde é possível diagnosticar a realidade local e realizar estudos de percepção ambiental, e assim, agir em prol da melhoria da qualidade de vida e bem estar do morador cidadão.

O conhecimento adquirido sobre os processos perceptivos e cognitivos pode melhorar a qualidade dos ambientes humanos através de políticas, planejamentos e projetos, na medida em que esse informa sobre como planejar e projetar ambientes que não interfiram com os próprios funcionamentos destes processos (GARLING, 1989 *apud* REIS e LAY, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Repensar o espaço urbano é reconhecer a importância das relações que se estabelecem entre o homem e o ambiente. É reavaliar o fenômeno social, econômico e institucional que se processa no ambiente construído.

Desenvolver pesquisas no campo da percepção ambiental implica em desenvolver, utilizar e analisar instrumentos que indiquem como as pessoas percebem os espaços. É uma oportunidade para que os atores sociais envolvidos nesse processo sejam estimulados a pensar acerca do ambiente em que vivem e, participar de ações que contribuam para o desenvolvimento adequado e planejado de sua comunidade.

A proposta de levar a extensão por meio do Sistema Mapa Verde surge como ferramenta de planejamento e conhecimento do lugar para as pessoas ligadas a ele. Pode Incentivar os moradores a se envolverem com os pressupostos da vida sustentável e da melhoria da qualidade de vida em sua comunidade.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, D.; RHEINGANTZ, P. A. A cognição ambiental na avaliação da qualidade do lugar – conceitos e métodos para o aprimoramento do desenho urbano. In: NUTAU, 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2004. 1 CD-ROM.

ALMEIDA, A. P.; SARTORI, M. G. B. A percepção da paisagem urbana de Santa Maria-RS e os sentimentos de topofilia e topofobia de seus moradores. **Ciência e Natureza**, v. 30, n. 2, pág. 107-126, 2008.

ALVA, E. N. **Metrópoles (in)sustentáveis**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

BRASIL – Esplanada dos Ministérios. **Como trabalhar solidariamente**. Brasília: Programa Universidade Solidária, 2001.

EGLER, I.; SILVA, L. J. M. O estudo da percepção em espaços urbanos preservados. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 2002, Indaiatuba. **Anais Eletrônicos...** Indaiatuba: ANPPAS, 2002. Disponível em: http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro1/qt/sustentabilidade_cidades/Luciene%20de%20Jesus%20Maciel%20da%20Silva.pdf. Acesso em: 11 mar. 2010.

[Digite uma citação do documento ou o resumo de uma questão interessante. Você pode posicionar a caixa de texto em qualquer lugar do documento. Use a guia Ferramentas de Caixa de

EPCC. **Encontro de Percepção e Paisagem da Cidade**, 2006, Bauru-SP. Disponível em: http://www.faac.unesp.br/eventos/percepcao Paisagem/01_introducao.html. Acesso em: 26 fev. 2010.

FERRARA, L. **O olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. São Paulo: USP, 1993.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Plano Nacional de Extensão** (1999-2001). Brasília. SESU/MEC, 1999.

GHIZZI, E. B. O processo perceptivo e os significados urbanos em tempo de globalização. **Galáxia**, n. 3, p. 235-239, 2002.

GMS. **Green Map System**. Disponível em: <http://www.greenmap.org>. Acesso em: 26 fev. 2010.

GUIMARÃES, R. P. **Ecopolítica em áreas urbanas: a dimensão política dos indicadores de qualidade ambiental**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

HIRANO *et al.* Mapa verde da UNICAMP: percepção e representação do espaço. In: I ENCONTRO DE PERCEPÇÃO E PAISAGEM DA CIDADE, 2006, Bauru. **Anais...** Bauru: UNESP, 2006. 1 CD-ROM.

KASHIWAGI, H. M. **O processo de percepção e apropriação do espaço nas comunidades marginais urbanas: o caso da favela do Parolin em Curitiba-PR**. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

KUHNEN, A. Meio ambiente e vulnerabilidade. A percepção ambiental de risco e o comportamento humano. **Geografia**, Londrina, v. 18, n. 2, 2009.

MORAES, A. Mapas verdes: uma visão mais sustentável da cidade. **Nossa São Paulo**, São Paulo, 21 mai. 2008. Disponível em: <http://reporterdefuturo.com.br/2008/05/%e2%80%9cmapasverdes%e2%80%9duma-visao-mais-sustentavel-da-cidade/>. Acesso em: 03 mar. 2010.

MUCELIN, C. A. **Estudo ecológico de fragmentos ambientais urbanos: percepção signica e pesquisa participante**. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais) – Programa de Pós-Graduação em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais, Universidade Estadual de Maringá, 2006.

MUCELIN, C. A.; BELLINI, M. O ambiente urbano: fragmentos, percepção e topofilia. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIFUSÃO TECNOLÓGICA, 4. **Anais...** Medianeira: UTFPR, 2007. 1 CD-ROM.

PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 53, p. 11-23, jun. 2007.

REIS, A. T. L.; LAY, M. C. D. Avaliação da qualidade de projetos – uma abordagem perceptiva e cognitiva. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 6, n. 3, pag. 21-34, jul. a set. 2006.

SOUZA, A. C. S. **As contribuições da percepção ambiental para os projetos urbanos**.

Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) – Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2008.

TUAN, Yi-fi. **Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

VANIN, G. R. **Universidade na comunidade**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

WOSNI, A. M. A extensão universitária no processo de educação e saúde: um estudo de caso. **Extensio - Revista Eletrônica de Extensão**, UFSC, v. 4, n. 5, dez. 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/viewFile/5727/5285>. Acesso em: 08 mar. 2010.

[Digite uma citação do documento ou o resumo de uma questão interessante. Você pode posicionar a caixa de texto em qualquer lugar do documento. Use a guia Ferramentas de Caixa de